

VICENTE

COLECÇÃO DIRIGIDA POR OSÓRIO MATEUS

Esperança Cardeira
JUBILEU

Quimera

LISBOA 1993 | e-book 2005

Jubileu d'amores é um dos autos de Vicente que celebram natividades áulicas. A apresentação deste auto, destinado a comemorar, como tantos outros, momentos importantes da vida da corte, teve lugar em Bruxelas em 1531. Pode ter sido a primeira representação de teatro português fora de Portugal. Provavelmente por interferência da censura inquisitorial o texto perdeu-se, embora registos e documentos atestem a sua existência. A *Copilaçam* de 1562 já não o integra.

Um quarto de século depois da morte de Vicente surge a primeira edição das suas obras completas. Até então, alguns textos de autos circulavam em folheto, suporte que não parece destinado à longevidade. Entre a morte de Vicente e a publicação dos autos há talvez textos que se perdem e dos quais não nos chega qualquer memória. Outros são suprimidos pela censura inquisitorial. Temos conhecimento indirecto de alguns através de referências contemporâneas. É o caso de *Jubileu*: o texto perdeu-se, mas sabe-se que um auto com este nome – e da autoria de Vicente – foi apresentado em Bruxelas, em Dezembro de 1531, por ocasião das festas que celebraram o nascimento de Manuel, filho de João III e afilhado do imperador Carlos V. O folheto, proibido em 1551 no *Rol dos Livros Defesos*, encontra-se perdido desde o século XVI. Não conhecemos o texto, mas dispomos de documentos que informam sobre a realidade própria do teatro: duas das pessoas que assistiram contam o que presenciaram. Um cardeal italiano, Girolamo Aleandro, em carta dirigida ao secretário do Papa, descreve a acção teatral a que assistiu e André de Resende dedica um longo poema em latim ao relato das festas de Bruxelas.

Manuel, o quinto filho de João III e de Caterina, nasce no princípio de Novembro de 1531 em Alvito, no Alentejo, no castelo do vedor da Fazenda, Rodrigo Lobo, onde a corte estava refugiada da peste que grassava em Lisboa. É um herdeiro desejado, depois de vários nascimentos que não resolveram o problema dinástico. Após um inverno catastrófico, em que a população viveu no terror dos tremores de terra, da fome e da peste, o feliz nascimento deve ter sido acolhido como um sinal de bom augúrio para os tempos futuros. A corte e o país rejubilam: há notícias de festas e bailes em Alvito, pelo nascimento do príncipe, e da cerimónia do baptismo, faustosa apesar do exílio da corte e celebrada a 12 de Novembro. Pela mesma altura João III encomenda a Nicolau Chanterenne, artista contemporâneo de Vicente, a escultura de mármore e alabastro para o altar da capela da Pena em Sintra. Uma inscrição recorda o motivo: *ob felicem partum Catharinae reginae conjugis incomparabilis suscepto Emmanuele filio principi*.

No ano seguinte haverá uma festa de corte em Lisboa, durante a qual Vicente apresentará *Lusitânia*, um auto para festejar o nascimento do *príncipe nosso senhor, porque não pôde em Alvito* (241a). De facto, não há notícia da inclusão de teatro nas festas em Alvito: Francisco de Andrada que, na *Crónica de D. João III*, descreve com tanto pormenor a cerimónia do baptismo, não deixaria de referir qualquer acção teatral. É lícito pensar que ou Vicente não

esteve presente, ou não preparou um auto novo para a ocasião. Outra hipótese: Vicente compôs um auto que, por motivos que desconhecemos, não chega a ser apresentado nas festas de Alvito. Se assim foi, esse auto pode ser *Jubileu*, apresentado no mês seguinte em Bruxelas.

As festividades não se confinam a Portugal. O padrinho do príncipe é, segundo deixa entender uma carta do embaixador português, o imperador Carlos V, cunhado de João III. A ligação familiar justifica novas celebrações. Em Bruxelas, capital da Flandres, há três noites de festas. André de Resende, que assiste a estas comemorações, escreve um poema em latim, o *Genethliacon Principis Lusitani, ut in Gallia Belgica celebratum est*, publicado em Bolonha em 1533, onde relata os festejos pelo nascimento do príncipe, feitos pelo embaixador Pedro Mascarenhas, seu patrono na altura. Também Mascarenhas deixará testemunho da grandeza da comemoração e do alvoroço do imperador pelo nascimento do seu sobrinho e afilhado, numa carta que envia de Bruxelas para Lisboa, a António Carneiro, escrivão e secretário do rei: *Do que se fez eu, senhor, estou contente, que nom é pouco, principalmente do alvoroço com que o emperador celebrou a festa, e dele pera baxo toda esta corte com mais contentamento que se fora seu próprio príncipe*. O relato de Pedro Mascarenhas é, contudo, omissivo quanto ao conteúdo das celebrações e não refere a apresentação de *Jubileu*.

Na primeira noite de festa Carlos V dá um baile no seu palácio. Quem conduz as danças é o embaixador português. A seguir, há duas noites de festa no palácio da embaixada de Portugal. Na primeira, Carlos V está presente e a comemoração tem carácter restrito. Ao princípio da noite, Mascarenhas dirige-se ao palácio de Coudenberg para ir buscar o imperador, que vai acompanhado por um pequeno grupo de familiares. Há animação nas ruas. De uma janela da embaixada, Carlos V assiste aos jogos que se realizam. André de Resende descreve a ementa da ceia dessa noite, para a qual muitos géneros alimentícios foram levados de Portugal. A meio da ceia há uma acção de teatro com o título *Triunfo de Cupido*. Deve ter sido, tal como o cortejo da noite seguinte, um espectáculo galante e ostentoso, produto do gosto da época.

Na terceira noite de festa, Mascarenhas reproduz na embaixada o modelo de um serão da corte portuguesa, com ceia, vinho e teatro. Após a ceia, oferecida a cerca de cem convidados, há uma representação. Começa com um cortejo de bacantes e sátiros, com tirsos na mão, cantando e dançando. Segue-se, segundo Resende, uma comédia de *Gillo Vincentius poeta comicus*. Tanto quanto se sabe, é a primeira vez que teatro português vai para além das fronteiras. Resende, afastado de Portugal desde 1513, talvez já conheça Vicente por via impressa, mas pode estar a assistir a teatro vicentino pela primeira vez. O humanista chama-lhe *auctor et actor*, o que parece indicar ser o autor também um habitual interveniente directo nos espectáculos que organiza. Seria uma tal multiplicidade de funções comum nos serões das cortes europeias? Laurence Keates (*The Court Theatre of Gil*

Vicente, Lisboa, 1962) lembra que a ampla gama de funções do *auctor* incluía tanto a criação como a realização verbal e plástica. Talvez as informações indirectas que chegavam a Resende apontassem no sentido de ser essa a opção de Vicente: escrever, organizar e representar os seus espectáculos.

O que Resende não diz é se Vicente está presente. Terá ido a Bruxelas com um auto novo? Sabe-se que *Inferno*, *Maria Parda*, *Duardos* e outros textos circulavam em folheto. Teria este auto sido feito com base num texto conhecido em Bruxelas? Ou seria um auto concebido por Vicente para celebrar o nascimento do príncipe, mas que não pôde ser representado em Alvito?

Também se ignora quem representou o auto de Bruxelas. Seriam actores portugueses? Entre os intervenientes em *Triunfo de Cupido*, Resende refere o duque Miguel de Velasco e o belo Alfonso da Silva, que comanda vinte efebos. Talvez Resende não registe agora a identidade dos actores por serem os mesmos da véspera.

Até hoje não se reencontrou o texto de *Jubileu*. Os testemunhos referem-no como sendo *uma comédia*, mas, no tempo de Vicente, esta designação indica apenas que não se trata de teatro representado em espaço sagrado. O critério de classificação não dizia respeito ao género mas à ocasião, ao lugar de representação e às circunstâncias do auto. A imprecisa designação *comédia*, diz António José Saraiva (*Gil Vicente e o fim do teatro medieval*, Lisboa, 1942), circulava desde o século XIII por causa de uma errónea interpretação de um passo de Tito Lívio e podia aplicar-se a qualquer narrativa profana em verso, opondo-se a *obra de devoção*.

O título dá algumas informações. *Jubileu* é o nome de um ano festivo, durante o qual a Igreja Católica concede indulgências especiais e perdão dos pecados a troco do cumprimento de normas fixadas pelo Papa. Cerca de 1300, Bonifácio VIII introduziu uma antiga solenidade hebraica no mundo católico, chamando-lhe *Ano Santo*. Esta festividade realizava-se de cem em cem anos mas, desde o século XV, por ordem de Paulo II (*Ineffabilis Providentia*), acontece de vinte e cinco em vinte e cinco, com o nome de *Jubileu*. Durante o tempo de trabalho teatral de Vicente houve apenas o de 1525. Por duas vezes aparece a palavra *jubileu*, logo a seguir a 1525. Em *Templo* (1526), diz o Porteiro: *Apolo con alegria \ da plenaria absolveción \ y jubileu año y día* (162b). Em *Feira* (1526/1527), Roma pergunta: *Assi que a paz nam se dá \ a troco de jubileus?* (034b)

O auto, de alguma maneira, aludiria ao Jubileu. Mas qual poderá ser a ligação verbal entre *jubileu* e *amores*? A associação é imprevisível, embora seja da mesma ordem de *Frágua d'amor* e *Nau de amores*. Representar-se-iam indulgências para culpas de amor? O título pode apontar para aí. Não é impossível que a comédia implicasse uma máquina por onde passassem casos complexos de amor para serem remidos, casos de amor ilícito, sobre os quais incidiria o comércio das indulgências.

Que o auto criticava as indulgências, sabemos-lo por Girolamo Aleandro, o cardeal que assistiu ao auto e que o descreve numa indignada carta enviada, em 26 de Dezembro, ao secretário do Papa, criticando uma comédia *che sotto nome di Jubileo d'amor era manifesta satyra contra di Roma, sempre nominando apertamente ogni cosa: che da Roma et dal Papa non veniva se non vendition di Indulgentie, et chi non dava danari, non solo non era absoluto, ma excommunicato da bel nuovo, et cossi commincio et persevero et fini la comedia.*

A ofendida descrição desta testemunha refere ainda a existência de uma figura principal e dá indicações sobre o modo como está vestida: *Et era uno principal che parlava, vestito cum un rocchetto da Vescovo, et fingeasi Vescovo et havea una baretta cardinalesca in testa.* Representam-se dignidades eclesiásticas, o que motivará a hostilidade da Igreja e as proibições do texto pelas censuras que vêm depois. Uma regra geral do *Catálogo dos livros que se proibem nestes reinos e senhorios de Portugal*, de 1581, será a interdição de *autos onde entram por figuras pessoas eclesiásticas.* O descontentamento de Girolamo Aleandro face ao auto e o seu pedido expresso de tomada de medidas (*besogna pur advertire Nostro Signore di quello che passa che forsi Sua Santità ne farà qualche paterna admonitione*) podem ter encontrado eco em Roma.

Mas é também pela carta de Aleandro que sabemos da reacção do público a esta comédia: *Et era tanto il riso di tutti, che pareo tutto il mondo jubilasse.* O auto parece ter desagradado apenas ao cardeal italiano.

Resende, que lamenta o facto de Vicente escrever em língua vulgar, não dá, contudo, indicação explícita sobre a língua do auto a que assiste. No testemunho de Aleandro, a frase *comedia iberisti kai lusitanisti* parece dizer que a representação é em castelhano e em português. Mas era mais previsível ser em castelhano, sobretudo se o auto foi feito de propósito para Bruxelas. Há muitos portugueses no público, mas há ainda mais estrangeiros, nobres representantes de toda a Europa. Vicente está habituado a escrever para uma corte portuguesa hispanizada, em que o castelhano é o meio de expressão das altas dignidades.

Aleandro conta o que foi para ele o teor da comédia: do princípio ao fim, sátira contra Roma, a tal ponto acerba que lhe parecia estar na Saxónia a ouvir Martinho Lutero. Um dos temas mais atacados por Lutero fora o das indulgências. Se a descrição de Aleandro corresponde à verdade, a censura da clerezia não é caso único no teatro de Vicente. Já em *Glória* a crítica fora dirigida contra os altos dignitários eclesiásticos, e a caricatura da sociedade religiosa esteve presente em muitos autos. Em *Feira*, Vicente atingira directamente o Papado, ao apresentar Roma como personagem que mercadeja perdões.

Mas enquanto no ambiente de relativa tolerância que se vivia ainda na corte portuguesa a sátira anticlerical poderia ser uma das muitas facetas de um

poeta da corte, em Bruxelas a Reforma e a Contra-Reforma fazem com que o ataque aos abusos do clero seja entendido como um ataque à própria Igreja. Por isso Aleandro se indigna e a Inquisição não tardará a agir, proibindo a circulação do folheto.

No *Rol dos livros defesos* de 1551, publicado por ordem do cardeal-infante Henrique, nomeia-se, entre outros, *Jubileu d'Amores*. Dos sete autos proibidos, três foram eliminados de tal modo que nenhum exemplar chegou aos nossos dias: *Jubileu*, *Aderência do Paço* e *Vida do Paço* já não figuram na *Copilaçam* de 1562, pelo menos com estes nomes. O prólogo em que Vicente pede a João III *favor e emparo pera que minha enferma escretura nam seja ferida de línguas danosas* não impediu as emendas e omissões na edição seguinte. A censura, reforçada no *Catálogo* de 1581, suprimiu da *Copilaçam* de 1586 mais oito textos: *Exortação*, *Templo*, *Romagem*, *Fadas*, *Clérigo*, *Físicos*, *Pregação* e *Tormenta*. Em 1624 o *Index Auctorum damnatae memoriae* repete a proibição.

Embora seja evidente a responsabilidade da intervenção censória no desaparecimento do folheto com o texto impresso, a interdição pode não ser o único motivo da ausência de *Jubileu* na *Copilaçam* de 1562. De facto, a *Copilaçam* omite três dos textos proibidos em 1551, mas inclui, sem mutilações, os outros autos censurados. Uma causa possível para a omissão poderia ser a de este auto repetir passos de outras representações, talvez de *Templo*, *Festa*, *Feira*, *Lusitânia*. Como um todo, nenhum dos textos conhecidos corresponde aos testemunhos de Resende e Aleandro. Mas pode haver fragmentos de *Jubileu* inseridos no texto de outros autos. Uma evidente razão de o *Auto da Festa* não figurar na *Copilaçam* de 1562 é o facto de repetir uma cena inteira de *Templo de Apolo*. Se Vicente tinha um auto preparado para apresentar à corte portuguesa no Alentejo, é possível que o tenha adaptado para as festas de Bruxelas.

Aleandro afirma que lhe disseram ser aquela uma comédia já antiga, representada de novo por não se dispor de outra para a ocasião. Resende também refere que o auto tinha sido representado antes. Pode tratar-se, contudo, de uma afirmação feita a Aleandro, que tanto se indignara, no mero intuito de resolver a embaraçosa situação, e que passa a ter valor de verdade em Bruxelas, sendo reproduzida por Resende. Aceita-se hoje a reposição como corrente, mas na época, regra geral, os autos eram feitos uma única vez. Há apenas uma reposição conhecida para os cerca de cinquenta trabalhos teatrais de Vicente: *Fama*. Para Bruxelas, no entanto, tem de se pôr a hipótese de ser verdade o que contaram a Aleandro e que Resende repete.

Auto novo, feito de propósito para Bruxelas, reposição de obra antiga ou teatro diluído no texto de autos posteriores? Até hoje não se encontrou nenhum exemplar do folheto. Há que procurar dentro e fora de Portugal: em Lisboa, Mafra, Évora, Burgos, Roma, Bruxelas ou até fora da Europa.

Desaparecido desde o século XVI, este auto está tão perdido como todos os outros que supomos conhecer porque encontramos edições dos textos. Saber-se-ia mais se a transcrição das palavras ditas se pudesse reler, mas do auto ficar-nos-ia apenas um texto que esquece o momento da representação e o olhar do espectador.

Girolamo Aleandro

1531.12.26

carta manuscrita existente no Archivio Vaticano

Fussimo invitati il di di Santo Thomaso, il Reverendissimo Legato, io et gli precipui Oratori di Principi, insieme con gli primi Consiglieri Caesarei et infiniti altri Baroni et Nobili di questa Corte, ad un banchetto presbeos tes Lusitanias, il qual dia ton prototokon tou basileos autou ha fatto feste inaudite primo a Cesar et alla Regina sorella et poi a noi, dove fu recitata presente mundo una comedia iberisti kai lusitanisti di una mala sorte, che sotto nome di un Jubileo d'amor era manifesta satyra contra di Roma, sempre nominando apertamente ogni cosa: che da Roma et dal Papa non veniva se non vendition di Indulgentie, et chi non dava danari, non solo non era assoluto, ma excomunicato da bel nuovo, et cossi comminció et perseveró et finí la comedia. Et era uno principal che parlava, vestito cum un rocchetto da Vescovo, et fingeasi Vescovo et havea una baretta cardinalesca in testa, havuta da casa dil Reverendissimo Legato, datali però senza che gli nostri sapessero per che fine. Et era tanto il riso di tutti, che pareva tutto il mondo jubilasse; a me veramente crepava il cuore parendomi esser in meggia Saxonia, ad udir Luther, over esser nelle pene dil sacco di Roma; et non potei far che sumissa voce non ne facesse un cegno di querela cum Bari che mi sedea presso: et dopoi etiamdio l'ho detto a alcuni di precipui, con bel modo, che questi non son atti da far in luogo di christiani, et tanto meno nella corte d'un tanto et tam virtuoso et catholico Imperator, qual certo só l'havrà per male, et maxime procedendo tal desordine da una natione la qual tenemo per propugnatrice di la fede. Mi é stato risposto che certo non é cosa fatta hora, ma comedia d'altri tempi, di la qual per non avere altre, si sono serviti; resposi che quomodocumque era cosa brutta, et se mai a tempo niuno al presente scandalosissima et fuor d'ogni proposito et ragione: vedi V. S. come va il Seculo. Ben pregola che tenghi occulte queste mie accioché non incorresse appresso costoro in nome di huomo chi mette al ponto; il che certo però non faccio, ma bisogna pur advertire Nostro Signore di quello che passa che forsi Sua Santità ne farà qualche paterna admonitione (...)

André de Resende

1533

Genethliacon Principis Lusitani, ut in Gallia Belgica celebratum est, a viro clariss. D. Petro Mascaregna, regio legato (fragmentos)

(...)

*Inducunt Satyrithyasos, et carmina Baccho
Sileni exululant. madidoque Mymallones ore,
Evoe Bacche, Evoe, clamant, titubanteque terram
Ter pede, ter quatiunt thyrsis, et vina repossunt.*

(...)

*Gillo Vincentius poeta comicus
cunctorum heinc acta est magno comoedia plausu,
quam Lusitana Gillo auctor, et actor, in aula
egerat ante, dicax, atque inter vera facetus.
Gillo, iocis levibus doctus perstringere mores.
qui si non lingua componeret omnia vulgi,
et potius Latia, non Graecia docta Menandrum
ante suum ferret, nec tam Romana theatra,
plautinosve saleis, lepidi vel scripta Terenti
iactarent. tanto nam Gillo praeiret utrisque,
quanto illi reliquis, inter qui pulpita rore
oblita Corycio, digitum meruere faventem.*

(...)

Pedro Mascarenhas

1532.01.04

carta de Bruxelas para António Carneiro (fragmentos)

(...)

E digo, senhor, que polas novas que me manda do nascimento do príncepe nosso senhor e sua saúde lhe beijo as mãos, e quanto a sua fermusura nom temos que lhe agradecer pois é filho de seu pai, e isto me perdoe vossa mercê, pois tomou pera si só desejar-lhe tantos reinos e senhorios como eu espero em Deos de lho ver, e se me vós senhor peitardes vinte anos eu vo-lo amostrarei. [A] alegria e prazer da nacença deste senhor nam somentes abrangeu a seus vassalos, mas a quantos a souberam, o que prazerá a nosso senhor que assi será sua vida alegre, e de muito contentamento a suas altezas.

Eu, senhor, quisera ser-vos companheiro nos bailos d'Alvito, mas o que lá perdi ganhei cá em g[u]iar a dança e festa que sua Majestade fez com a nova da nacença de seu sobrinho. Se me vossa mercê vira nela bem crera que tinha parte no afilhado. Do que se fez eu, senhor,

estou contente, que nom é pouco, principalmente do alvoroço com que o emperador celebrou a festa, e dele pera baxo toda esta corte com mais contentamento que se fora seu próprio príncipe. O como passou leixo a António Lopes.

Quanto, senhor, ao que me diz do contentamento que sua Alteza tem de meu serviço, por tam boa nova lhe beijo as mãos.

(...)

E quanto, senhor, ao despacho d'António Lopes que me cá mandou encomendar, por que vossa mercê saiba quanto lh'aproveitou o que por ele me es[c]reveu lhe faço saber que sua Majestade lhe mandou dar quatrocentos escudos e que lançaram a bara cento além do costumado, e também quero, senhor, que saibais que lhe nam podiam dar menos pera as festas que lhe cá fiz, e que em meu tempo no pouco e no muito o serviço de sua Alteza há-d'ir por diante, e se vossa mercê cá tivesse algũa cousa em que lhe pudesse amostrar quanto pera isso valho vê-lo-ia.

(...)

Rol dos livros defesos

1551

O auto de dom Duardos que nom tiver censura como foi emendado.

O auto de Lusitânia com os diabos, sem eles poder-se-á emprimir.

O auto de Pedr'Eanes, por causa das matinas.

O auto do Jubileu d'Amores.

O auto da Aderência do Paço.

O auto da Vida do Paço.

O auto dos Físicos.

Referências

Girolamo ALEANDRO

- 1531 carta manuscrita existente no Archivio Vaticano
Aleander Sangae. Bruxell. XXVI Decemb.
1861 Hugo Laemmer (ed)
Monumenta Vaticana

Pedro MASCARENHAS

- 1532 carta de Bruxelas para António Carneiro
1903 Sousa Viterbo (ed)
«Gil Vicente. Dois traços para a sua biografia»
Arquivo Histórico Português 1
separata (11-12)

André de RESENDE

- 1533 *Genethliacon Principis Lusitani, ut in Gallia Belgica celebratum est, a viro clariss. D. Petro Mascaregna, regio legato*
Bolonha: Joannes Baptista Phaellus
1987 Fidelino de Figueiredo (ed)
edição fac-similada
Lisboa: IN-CM